

Índice	
Prefácio	9
Introdução	13
I Parte – A transição da mortalidade no século XX	
Introdução	21
Capítulo 1 – A transição da mortalidade no contexto da transição demográfica: as teorias	23
Capítulo 2 – A transição da mortalidade no contexto mundial europeu: os factos.....	33
2.1– Introdução	33
2.2– A transição da mortalidade no mundo	34
2.3 – A transição da mortalidade na Europa	36
2.4 – A transição demográfica em Portugal	39
Capítulo 3 – A mortalidade em Portugal: os factos através de alguns autores	51
3.1 – Introdução	51
3.2 – Breve conhecimento da mortalidade: do século XIX a 1920	51
3.3 – Os estudos posteriores a 1920 e até 1990	58
Capítulo 4 – A mortalidade em Portugal: as fontes e os métodos ...	67
4.1 – Introdução	67
4.2 – As Fontes	67
4.2.1 – Os recenseamentos ou o estado da população.....	68
4.2.2 – As Estatísticas do Movimento da População	69
4.3 – A Metodologia	74
4.3.1 – As Tábuas de mortalidade	75
4.3.2 – A observação das causas mais determinantes da mortalidade: a análise multivariada	84
Capítulo 5 – A tipologia da mudança durante o século XX: níveis e tendências da mortalidade em Portugal Continental	87
5.1 – Introdução	87
5.2 – Análise dos níveis e tendências da mortalidade	89
5.3 – Algumas razões de mudança através da legislação	110

II Parte – A mortalidade diferencial
em Portugal Continental no século XX

Introdução	117
Capítulo 1 – A mortalidade por idades e por sexos	119
1.1 – Introdução	119
1.2 – A mortalidade por idades	119
1.3 – A mortalidade por sexos	132
Capítulo 2 – Um tipo particular de mortalidade: a mortalidade infantil	159
2.1 – Introdução	159
2.2 – Diferenciação geográfica da mortalidade infantil	160
Capítulo 3 – A mortalidade por causas	169
3.1 – Introdução	169
3.2 – Um primeiro conhecimento das principais causas de morte	172
Síntese	181
III Parte – A transição da mortalidade e estruturas de causas de morte em Portugal Continental no século XX	
Introdução	185
Capítulo 1 – A variação espacial das doze principais causas de morte	187
1.1 – Introdução	187
1.2 – A repartição nosográfica distrital	187
Capítulo 2 – Transição da mortalidade e evolução das estruturas de causas de morte	225
2.1 – Introdução	225
2.2 – O perfil da mortalidade através dos principais domínios patológicos na transição epidemiológica do século XX	227
Síntese	257
Conclusão.....	263
Fontes e Bibliografia	277
Índice dos Quadros	291
Índice das Figuras	293
Anexos estatísticos	297

Prefácio

A transição demográfica é um modelo de leitura das grandes transformações demográficas que ocorreram ou que estão a ocorrer na época contemporânea. Começou por ser um modelo destinado a interpretar as grandes transformações demográficas da Europa mas, com o evoluir do tempo e o acumular das investigações, rapidamente adquiriu uma vocação planetária. Apesar de existirem variantes interessantes de autor para autor bem como algumas críticas a determinados aspectos da teoria, em particular quando esta é fundamentada com uma linguagem dogmática, a teoria da transição é uma das teorias mais importantes da Demografia.

Os princípios básicos da teoria da transição assentam em quatro aspectos fundamentais. Numa primeira fase (situação observada fundamentalmente nas sociedades rurais – tradicionais, ou nas sociedades de antigo regime, ou nas sociedades não desenvolvidas, ou ainda nas sociedades em regime de «pré-transição») a mortalidade e a natalidade encontram-se com valores muito elevados e em equilíbrio resultando assim um crescimento natural muito próximo de zero; a existência de uma fecundidade elevada é entendida como uma resposta de sobrevivência das sociedades tradicionais procurando assim fazer face às más condições de saúde existentes.

Numa segunda fase, o factor determinante é a existência de um acentuado declínio da mortalidade. Consequentemente, observa-se um grande aumento do crescimento natural. A revolução industrial e a modernização produzem uma série de efeitos bem conhecidos e identificados tais como a melhoria das condições de higiene, de habitação, de alimentação, de trabalho que têm como denominador comum aumentar as condições gerais de saúde e consequentemente fazer baixar os níveis de mortalidade.

Na terceira fase a mortalidade continua a declinar mas é o declínio da fecundidade que passa a ser o elemento mais importante. O crescimento natural elevado continua mas a ritmos progressivamente mais moderados. O filho quantidade progressivamente dá lugar ao filho qualidade e a fecundidade passa a ser ajustada aos novos desejos e expectativas dos casais.

Finalmente, numa quarta fase observamos o «quase-equilíbrio» moderno entre uma mortalidade com baixos níveis e uma fecundidade igualmente baixa reduzindo-se o crescimento natural praticamente para valores pró-